

Um tributo a Frank Sinatra e os sucessos de Michael Bublé no *Gala de Novembro*

PAGS. 3 a 10



Um destaque especial para os vocalistas que comandaram o espetáculo “Sinatra & Bublé”, uma das sensações musicais do Gala de Novembro

Inácio Botelho toca música clássica no acordeon e encanta *também com MPB*

PAGS. 3 a 10



Fotos/Divulgação



DE AUTOR

a personagem é como o editor deste caderno se sentiu na mega festa “Gala de Novembro”, que celebrou o início do quinto ano deste caderno e da Coluna PH na era digital, hospedados no portal Imirante.com

PAGS. 3 a 10

Quando o poeta maior Bandeira Tribuzi reinava absoluto na redação do jornal “O Estado do Maranhão”, de saudosa memória, nossas madrugadas eram quase sempre movidas a conversas sobre o cotidiano de São Luís. Uma cervejinha gelada, pitadas de poesia nos diálogos e, vez por outra, mergulhos profundos no pensamento dos grandes sábios da humanidade.

Para Tribuzi a ideia de tempo é humana porque existem as palavras, e entre elas a palavra tempo. Ele costumava lembrar Santo Agostinho quando disse que se lhe perguntassem sobre o tempo saberia o que era, mas não saberia dizer, porque existem coisas que a palavra não dá conta. Sentimos o sinal dele na pele, nos ossos, e no acúmulo de experiências.

É engano crer que acumulamos memória. Tal tarefa, deixamos para Funes, o memorioso, personagem de Jorge Luis Borges, escritor que fez do tempo uma de suas preocupações. Funes tinha uma memória tão prodigiosa que sequer podia levantar-se da cama. Quando falavam a palavra “árvore”, que para nós, desmemoriados do tempo, surge a imagem genérica, ou, quiçá de um pinheiro solitário, Funes lembrava de todas as árvores, uma por uma, e de todas as folhas que faziam parte de sua memória.

A memória, por sorte, à medida que enve-

O TEMPO
ou essas coisas que a
palavra não dá conta

lhecemos, torna-se necessariamente seletiva. Somos capazes de lembrar da infância, porém esquecermos o cardápio do jantar de ontem. Pelo mesmo motivo, o cérebro guarda mais fatos agradáveis do que desagradáveis.

O tempo, esse senhor tão bonito, não cabe em nenhuma das três palavras que inventamos para tentarmos falar dele: o passado, o presente, o futuro, a não ser como taxonomia de coisas que acreditamos descrever, no máximo. Mesmo assim, tão impalpável sua “inclassificação”, que, muitas vezes, mal sabemos se determinado fato aconteceu, está acontecendo ou se esqueceremos que um dia aconteça.

Quantos sonhos confundidos com realidade.

de. Que coisa é essa que não se alcança com a mão? Que se esvai no milésimo de segundo após a palavra dita? Que se quer e não se tem? Que se mescla e afirma não mais do que na mente de quem vive, porque o tempo definitivamente não existe para os que não conhecemos, ou que não vemos mais.

O tempo: só por ele sentimos o banzo que quase se materializa um passado quando sentimos um cheiro, ou quando olhamos uma casa que sequer conhecemos por dentro, mas parece estar na retina desde sabe-se lá quando, porque o tempo mesmo não tem medida real, apenas uma abstrata e ínfima desrazão, analisada de um ponto de vista único daque-

le que tenta de forma inútil descrevê-lo numa página de jornal.

Matar o tempo, passar o tempo, recuperar o tempo perdido. Frases de efeito retórico, nada mais, porque tempo não se deixa passar, nem se deixa morrer, nem se perde. Mesmo fazendo palavras cruzadas, não sentimos as estrelas se afastando desde a mais remota explosão que nos deixou no meio do caminho em forma de gente. Como ser assim, tão só, perguntava Bandeira Tribuzi, sob a estrela, medida única e incontável do tempo.

O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel, disse Platão. O tempo não pára, disse Cazuzu. O tempo, essa mania humana de querer saber em cinco letras o que não se pode saber. O tempo é o pouco espaço disponível entre o primeiro e o último choro.

Pois é esse tempo que cabe menos na palavra tempo do que na palavra etcétera, que me deixa pensativo neste fim de semana. Tempo que é, também, esta agradável sensação de manter, há 40 anos, este diálogo diário com você, caro leitor. Um longo e insistente diálogo que me sugere agora encher uma taça do melhor champagne e fazer um brinde à vida. E ao próprio tempo percorrido.

Sim, porque o tempo nem nada leva nem nada traz.



Sarney foi um presidente da República ecologicamente correto

Sarney na vanguarda

São grandes as expectativas e os prognósticos, com suas oscilações entre o otimismo e o pessimismo – em torno da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – a COP 30, que está sendo realizada em Belém do Pará.

Na conferência, os países desenvolvidos e em desenvolvimento estão tentando formalizar um acordo sobre emissões de gases poluentes, que substituirá o Protocolo de Kyoto, firmado em 1997.

Trata-se de uma etapa muito importante no processo de adoção de um modelo de desenvolvimento limpo, sustentável, suscetível de assegurar ao mundo a estabilidade climática, a certeza de que a humanidade não será vitimada no futuro por uma catástrofe ecológica.

Concretamente, o Brasil foi despertado para a grave problemática da poluição global com a posição de vanguarda assumida pelo presidente José Sarney.

Redefinição da política ambiental

Foi o Governo Sarney (1985-1990) que redefiniu a política ambiental brasileira, dando novas estruturas, diretrizes e objetivos aos órgãos públicos encarregados da questão.

Em 1989, Sarney criou a Instituto Nacional do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), sob o impacto das queimadas na Amazonia, que foram, contudo, sensivelmente reduzidas durante sua gestão.

O IBAMA foi criado para regulamentar e fiscalizar as atividades que possam ser lesivas ao meio ambiente – é o objetivo precípuo do IBAMA, cuja atuação, até hoje, não desmereceu a concepção, o espírito que presidiu o ato de Sarney ao fundá-lo.

Ou seja, o de ser um dos suportes para abertura do caminho levando ao modelo de desenvolvimento sustentável que permite o bem-estar da população com a simultânea preservação e utilização racional dos recursos naturais.

Histórico ecologista

As ações do presidente Sarney no campo ambiental não começaram apenas quando ele assumiu a presidência. Ele é uma ecologista histórico, de carteirinha, desde o início de sua carreira política como parlamentar. Na Câmara e depois no Senado ele apresentou vários projetos visando a proteção do meio-ambiente.

Sem dúvida, seu amor, desde criança, pela Baixada Maranhense, de onde é originário, seu embevecimento pelos campos alagados da região, de flora e fauna tão singulares, iria fecundar o imaginário do poeta, escritor e homem político que ele se tornaria depois.

Imaginário do artista

Esse imaginário, no artista das letras, se consubstanciou em belos poemas, em odes

enternecedoras sobre as águas, campos e pássaros da Baixada, que podem ser apreciados no livro "Maribondos de Fogo", por exemplo.

Por outro lado, o cântico à Natureza permeia toda a obra em prosa de Sarney.

Imaginário do Político

No imaginário do politico José Sarney, a cultura ecológica, desde o berço, ensinaria suas ações no Parlamento, nas conferências internacionais e na presidência da República visando a proteção do meio-ambiente.

No Brasil, ele foi um dos pioneiros na defesa do que agora virou "cult" nas ciências políticas e econômicas – o desenvolvimento sustentável.

A síntese

Dos diversos textos em que Sarney opera a síntese e a simbiose entre suas duas identidades – a de escritor e a de político, ambos magnetizados pelos encantos da Natureza – destacamos particularmente esse, escrito pouco depois de deixar a presidência da República.

Nele, Sarney relembra seu convívio afetuoso, apaixonado com os jardins do Palácio da Alvorada.

Flores e pássaros

Ele escreve:

"Acompanho o desenvolvimento das flores e das plantas. Vejo as emas. Observo os passarinhos. Ah! os passarinhos do Alvorada. Como os tratei bem. Dizia sempre ao capitão Boltuli, administrador do prédio: aqui pode faltar tudo, até para o presidente, mas não pode faltar comida para nossos passarinhos. Eles aqui terão um status que ninguém terá. É que organizei um programa de atração de passarinhos. Desde que eles tenham comida e água e não sejam perseguidos eles dali não saem. E a eles forneci as três coisas, inclusive a proteção do Exército Nacional. Ali, ninguém podia dar um tiro, usar gaiola ou outro qualquer meio de capturá-los".

O prazer com a passarada

Sarney prossegue na suas evocações ecológicas:

"Um dos meus prazeres era depois das refeições passear pelos caminhos do bosque para ver os passarinhos. E tinham aos bandos. A única preocupação que levei do Palácio da Alvorada foi dos passarinhos, dos pássaros pretos, dos leva ribas, dos bentevis, das andorinhas. Fiquei temeroso de como seriam tratados. E as garças brancas. Todas as garças do lago de Brasília dormem no Alvorada. Ali, no fim da tarde, elas chegam em bando, acomodam-se uma a uma em duas grandes árvores, que existem na beira do pequeno lago do fundo. Começam num grasnido impressionante, depois mais forte ainda e por último, quando a noite cai, elas silenciam. Ali tem paz a nada as perturba. Diferente do presidente (...)".

Retrato do poeta quando jovem

Até morrer, aos 97 anos, o grande poeta matogrossense Manoel de Barros se declarava um “infante”. E revivia a mocidade – e uma segunda infância, em sua concepção –, a descoberta do amor, do sexo e das convicções políticas no segundo volume da trilogia Memórias Inventadas, iniciada em 2003 com A Infância.

Os poemas – presente pra lá de especial que recebi de uma amiga – vêm em folhas soltas acomodadas numa caixa, acompanhados de iluminuras da filha do escritor, Martha Barros.

O livro é um convite irrecusável para desfrutar o talento de um escritor que dispensa apresentações.

Melhor e mais sugestivo presente, impossível.

Manoel por Manoel

“Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Então eu trago das minhas raízes criancelras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores”.

Lição para sempre

Antigamente, evitava dividir meus livros com outras pessoas. Até que um dia um amigo perguntou-me se eu não gostaria de passar toda a minha vida numa prisão. É claro que respondi que não.

– “Então – disse-me ele – liberta os teus livros da “prisão” da tua estante. Dá a eles a liberdade de encontrar novas pessoas e partilhar o prazer que te deram. Deixa os livros dos teus encantamentos e leva outros que te podem dar outros prazeres. Faz dois em um. Deixa um livro, leva outro e também um novo amigo!”

Confesso: aprendi a lição!

O dólar mais valioso que recebeu

Em Baton Rouge, uma atitude espontânea de um menino transformou-se em uma história que emocionou a cidade. Kelvin Ellis Jr., então com nove anos, caminhava pela rua quando viu um homem que julgou estar em situação de vulnerabilidade. Sem hesitar, ele entregou ao desconhecido o único dólar que carregava no bolso. Contudo, o garoto não imaginava que aquele homem era Matt Busbice, empresário milionário e dono da loja BuckFeather.

A reação de Busbice foi imediata. Surpreso com a generosidade do menino – e, sobretudo, com a sinceridade do gesto – ele decidiu retribuir o carinho de forma memorável. Assim, convidou Kelvin para conhecer sua loja e, além disso, deu ao garoto 40 segundos para pegar tudo o que conseguisse. A cena, que rapidamente chamou atenção, terminou com o menino empurrando uma bicicleta nova enquanto agarrava brinquedos e exibia um sorriso difícil de esquecer.

Para Busbice, o pequeno presente oferecido por Kelvin carregava um significado profundo. Em suas palavras, aquele foi “o dólar mais valioso” que já recebeu. Afinal, o gesto revelou algo que o dinheiro não compra: a pureza de quem ajuda sem esperar retorno. Dessa forma, a história reforça que a verdadeira riqueza nasce da bondade simples, que, às vezes, surge justamente de quem menos tem.



A criança com os parrarinhos

Mais pássaros cantando

Um dos números de “”The Old Farmer’s Almanac” aponta que os barulhos de passarinhos nos quintais ou nas ruas, bem como uma maior atividade das aves, é um indicio de que a primavera já começou no reino animal. Aves migratórias também entram nessa conta, já que voam para lugares mais quentes fugindo do frio em outras regiões do planeta, a exemplo das jaçanãs que migram de muito longe para os campos da Baixada Maranhense.

A publicação também recomenda observar como nascem mais brotos nas árvores, nessa época, bem como há um aumento no fluxo de seiva, a qual eventualmente pode ser vista escorrendo pelos troncos.

Segundo o “Farmer’s Almanac”, também entram nesse frisson da natureza sapos e outros anfíbios, que passam a coaxar de maneira mais alta. Em lugares ao norte e ao sul do planeta nos quais lagos e pântanos se descongelam, é comum ouvir sapos "cantando" em conjunto ao anoitecer.

Os chamados “animais de pasto”, ou seja, aqueles que necessitam comer plantas como a grama, tendem a encontrar uma maior quantidade de comida, já que as chuvas que deveriam cair nessa época fazem a terra florescer.

A publicação explica que, para os animais tropicais (ou seja, que vivem em habitats na região do Equador), existe alimento facilmente disponível durante todo o ano. Portanto, essas espécies podem ter suas proles praticamente em qualquer estação do ano. Já os animais típicos das latitudes médias da Terra nascem na primavera para ter uma melhor chance de sobrevivência.

A fonte especializada também chama a atenção para uma maior presença de borboletas e abelhas, as "campeãs da polinização", nesse período do ano.

As cores e os aromas das novas flores que começam a desabrochar com o tempo mais aquecido são um convite que esses insetos não costumam negar. Quanto mais próximo da natureza, mais fácil de notas essas movimentações da biodiversidade durante a primavera.



As jaçanãs na Baixada Maranhense

Praça Presidente Atual

Só criando um troféu para as asneiras mais espetaculares do cotidiano maranhense, brasileiro e mundial.

E poderíamos nos inspirar em quatro asneiras espetaculares que frequentemente são igualadas ou superadas no noticiário.

A primeira asneira foi aquela de um jornal do Ceará, que depois de fazer a cobertura de um congresso de pneumologistas em Fortaleza, publicou a seguinte manchete: “Todo fumante irá morrer de câncer, a menos que outra doença o mate antes”.

A segunda asneira foi conhecida numa prova de História do Brasil, escrita por um aluno em São Paulo: “O pai de dom Pedro II foi dom Pedro I. E o pai de Dom Pedro I, portanto, foi dom Pedro Zero”.

A terceira asneira foi escrita há muitos anos por um famoso colunista maranhense, no início de sua carreira: “Todos os rios correm para o mar, salvo melhor juízo”.

A quarta asneira é de um prefeito do interior de São Paulo que, a cada vez que um presidente da República assumia o cargo, ele mudava o nome da praça central da cidade.

Quando Getúlio Vargas se suicidou, a praça que levava seu nome ficou assim chamada: Praça Presidente Café Filho. Quando Jânio Quadros renunciou, o prefeito tirou o nome dele da praça e colocou o nome do novo presidente, João Goulart. Ai Jango foi deposto e o prefeito não teve dúvida, para puxar o saco do presidente que assumiu, lascou assim o nome da praça: Presidente Castello Branco.

Aí um vereador fez um discurso numa solenidade em que o prefeito estava presente e sugeriu-lhe uma providência que evitaria, dali em diante, o transtorno de tantas mudanças de nome na praça central, problema inclusive com o endereço para os Correios.

O prefeito agradeceu ao vereador, aceitando sua sugestão. E até hoje a praça central da cidade tem o seguinte nome: Praça Presidente Atual.

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



Vista panorâmica de detalhes da monumental decoração assinada pela designer Cintia Klamt Motta

UMA NOITE LINDA PARA CELEBRAR A ALEGRIA DE VIVER

Sabem todos os que me honram diariamente com a sua leitura que a minha paixão pela vida está diretamente ligada à alegria de reunir amigos para abraços de fraternidade e de reencontro e que acredito que seja, por si mesma, a grande festa que nos recompensa dos muitos embates que constituem o duro, porém gratificante ofício de viver, dádiva e penhor que nos cabe preservar.

Mais uma vez, tive a recompensa das lutas em que me empenho para cumprir minha função em nossa sociedade, que é ser o atento cronista dos dias que passam, mas que ficam perpetuados em registros que podem ser meros olhares a partir de um ângulo pessoal e impressionista. Mas que tem, para os dias que virão, o papel bem mais relevante de matéria-prima da história de nossos costumes, de painel no qual estão retratados traços e matizes marcantes de nossa contemporaneidade.

Amigos, às centenas, tive a

imensa alegria de receber no encontro festivo que para eles preparei com o selo e prestígio do Grupo Mirante. Fiz, mais uma vez, a minha festa para ser a nossa festa, para constituir, com todas as veras do coração, minha oferta de amizade e de confraternização.

E assim, na comunhão ardente com o coração da vida, percebia-se o rubor da exaltação do humano existir, a certeza da fé revigorante que irradiava sua luminosidade sobre as taças do sentimento, o champagne da vida borbulhando sobre os lábios úmidos da alegria, o calor dos abraços e mãos encontrados no espalmar dos dedos da existência, o encontro do sim com os que pensavam talvez, a ternura plena de todos que fizeram da noite do provisório um amplo sol de eternidade.

Com esse elenco de sortilégios e arco-íris anunciadores, o presépio do meu coração, em chamadas de amizade, acolheu aqueles – antigos e novos – companheiros de saga cósmica

para o banquete da permanente glória de meu luminoso pacto de existir. E tudo aconteceu sob a luz da estrela, espargindo ouro e prata sobre os sinos do coração.

Minha pequena e grande sagrada família – meus amigos – mais uma vez brindavam aos céus e à terra a graça de estarem vivos, numa confraternização em clima de despedida de 2023, regida pela cor da amizade de todos os que estavam presentes, incluídos os que só penetraram em espírito.

Onde aconteceu? Abro o meu coração, meu presépio interior a vocês. Mas podia ser também nos salões do Palazzo Eventos, no Araújo, para onde transferi, por algumas horas de celebração e confraternização, toda a minha paixão pela vida.

Confira, nesta edição, mais fotos da deslumbrante decoração da designer Cintia Klamt Motta e dos amigos que estavam lá. E viaje comigo numa noite de sonho. Depois, encha uma taça de champagne e brinde com os seus, os meus, os nossos amigos.



Isabela e Samira Murad com o Repórter PH e a presidente do Grupo Mirante, Teresa Murad Sarney



Uma das lindas mesas de doces montadas pela designer Cintia Klamt Motta

UMA NOITE DE ALEGRIA E CELEBRAÇÃO

Na primeira semana de dezembro, o PH Revista vai celebrar o início do seu 47º ano de circulação. Na última semana de outubro, o caderno festejou, com pompa e circunstância, o início do seu quinto ano de circulação na era digital, hospedado no portal Imirante.com, do Grupo Mirante.

Presença de todos os fins de semana nos lares maranhenses,

o caderno mais glamuroso da imprensa brasileira – é o mais antigo suplemento de variedades em circulação no país –, e a nossa coluna diária se mantém fiel à sua proposta original: cobrir, ou realizar, os mais importantes acontecimentos sociais, culturais, políticos e econômicos do Maranhão.

E, quando os fatos têm ligação com este estado, fazemos

a cobertura em qualquer lugar do Brasil e do Mundo.

Para comemorar essa nova marca conquistada com muito amor e dedicação, realizamos no dia 5 de novembro de 2025, o Gala de Novembro – ou Gala de Fim de Ano – um deslumbrante evento que celebrou o início do 47º ano de circulação do caderno PH Revista e os 56 anos de jornalismo diário deste Repórter, através da Coluna PH.



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Aragão Feijó e sua esposa Ana Célia com o Repórter PH



O Repórter PH e José Carlos Salgueiro (muda de idade nesta sexta-feira, 14, com o presidente da FIEMA, Edilson Baldez das Neves e sua neta Paloma Neves Gonçalves



Grupo feminino de grande charme: Jacira Haickel, Jussara Nogueira, Teresa Martins, Beth Maciel Soares e Larissa Frazão Fonseca

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



Um dos palcos sendo ocupado pelo espetáculo “Sinatra & Blublê”, uma das atrações mais aplaudidas da noite



A designer Cintia Klamt Motta em noite de muito charme e elegância

NOITE DE MAGIA E ENCANTAMENTO

Em meio à animação de uma noite da mais pura magia e do maior encantamento, quando entrou em cena mais uma belíssima atração musical da noite, um atento observador dos nossos eventos sociais não se conteve e disse que o burburinho no deslumbrante salão do Palazzo Eventos provocava nele a doce a recordação do que dissera certa vez um famoso jornalista britânico sobre a noite de Nova York.

Entre uma taça e outra de

champagne, Simon Hoggart comentou: “Viver em Nova York é como estar numa festa terrivelmente tarde da noite – você está cansado, com dor de cabeça desde que chegou, mas não pode ir embora porque senão perderá a festa”.

Assim acontece com os monumentais eventos realizados pela Coluna PH e o PH Revista para a mais fraterna e elegante confraternização da sociedade maranhense. Se os

convidados forem embora cedo, perderão a festa.

E dessa certeza ninguém se afastou enquanto durou o Gala de Novembro. Os convidados, embora tenham chegado cedo, só saíram bem tarde da noite, pois não quiseram perder nenhuma das grandes atrações programadas para essa noite que, certamente, ficará gravada na memória de quantos dela participaram como uma noite de beleza pura e de encantamento.



O Repórter PH com suas irmãs Clóres, Nazi e Glorinha



Empresários Nilson Frazão Ferraz, Edilson Baldez das Neves, Pedro Robson Holanda da Costa e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes



A arquiteta e top model Bianca Klamt Motta estava simplesmente deslumbrante.



Empresário Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque



Empresários Moacir Machado e Donizette



Danilo Imbroisi e sua elegante Ana Maria



Líder empresarial Claudio Donizete Azevedo e Ana Izabel

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



Virgínia e Roberto Albuquerque



Dine e o jornalista e pastor Clóvis Cabalau



Apresentadora de TV Madalena Nobre e Marcus Davi Carvalho



Empresários Ednei Viégas Reis e Lindalva



A secretária de Governo Luzia Waquim e Luiz Waquim com Teresa Martins



Lucas Ferraz e seus pais Flávia e Nilson Frazão Ferraz

DECOR VERDE E LUZES FAISCANTES

Nas festas de fim de ano todos se reencontram, todos se juntam pelo abraço, pela oferta e pela mensagem, envolvidos pelas cores do amor. Tudo é festa e há em tudo a espontaneidade do contentamento.

Sim, porque ninguém manda na alegria. Que atraiu os convidados, motivados pela música e pela iluminação feérica de Abel Jr. e do Grupo Reprise, para os embalos musicais de uma noite aberta por Inácio Botelho e seu acordeon mágico que mescla música erudita com música popular, pelo show elegante que fez um tributo a Frank Sinatra e acrescentou músicas de sucesso de Michael Bublé, pela alegria na pista de dança, ora comandada pelo DJ Edy, o mais festejado de Brasília, abrindo caminho para a magistral participação

da Banda Os Tropix.

Destaque para a participação do vídeo design Etevaldo Trajano Junior, que reuniu lindas imagens para o exuberante passeio pelas vegetações do mundo.

Fizeram sucesso os bufês de comidas maranhenses para o jantar e as mesas de doces, graças à ambientação do salão pela designer Cíntia Klamt Motta, que explorou os espaços vazios para conseguir, com elementos da flora amazônica o efeito de um grande e deslumbrante cenário, no qual as pessoas circularam mais, durante a noite toda, graças aos diversos ambientes montados para a festa. O resultado foi uma animada e inesquecível troca de abraços, que se repetiam a todo instante, por quantos participaram dessa noite de pura magia e encantamento.



Os juízes de Direito Rogério Rondon (que assina Rogério Pelegrine como artista visual), a diretora de Jornalismo da TV Mirante, Eveline Cunha, a marchand Silvânia e o advogado Sérgio Victor Tamer



O Repórter PH com os netos Leonardo e Benício e seus pais Marcella e Thallysson Vilhena



Sônia Maria Furtado Matos e Fátima Maria Bezerra Sabóia



O diretor geral da TV Mirante, Alex Barbosa e Thayse Feques



O Repórter PH com a Secretária de Governo Luzia Waquim e Luiz Waquim e Glorinha Holanda



Antonio Pires Ferreira e Viviane de Paula (TV Mirante) com Li e Etevaldo Trajano Júnior



Maria Clara e seu pai José Ahirton Lopes



Alexandre Falcão e Jussara Nogueira



Graça e Edmar Jansen de Mello



A ex-Miss Maranhão Thatiana Rodrigues Bandeira em noite deslumbrante

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



José Roberto Araújo e Andréia (ele, do Grupo Gentil Negócios)



Larissa e o cardiologista Mauro José de Mello Fonseca



Déia Trinta e Luiz Raimundo Campos Paes



Teresa Martins com o procurador de Justiça Eduardo Nicolau, Fabíola Fiquene (de pé), Zenira Massoli Fiquene e a procuradora de Justiça Mariléa Santos Costa



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Melina



Josenildo Oliveira (Zil), Orquídea Santos, Ilze Rangel e Deusimar Nogueira



Cineasta Arturo Sabóia e Ana Paula De Déa



Francisca e o empresário Emmanuel Márcio Barbosa



Médico Pedro Filho Ribeiro de Brito



Jayme Tavares Neto e Gabriela Vasconcellos



Luis Augusto (Guto) Guterres e Lucy



José William Ribeiro e Concita



Plínio Valério Túzzolo e Luzeuma Sousa



Goretti e José Ribamar Oliveira



O Repórter PH com a influencer Luanne de Moraes Holanda e Leandro Araújo

O BANQUETE E OS DOCES

“Um autêntico banquete de Babette!” – era a frase mais ouvida dos convidados do Gala de Novembro ao se servirem para o jantar: “Eis o verdadeiro banquete de Babette”, em alusão ao filme icônico. É claro que eles se referiam ao soberbo jantar que misturava sabores da mais sofisticada culinária contemporânea com o que de mais tradicional e requintado existe da cozinha maranhense. Aliás, tudo conspirou a favor dessa noite mágica no Palazzo Eventos, uma noite que ficará para sempre na memória de quantos foram à bela casa de eventos no Açaçagi para celebrar datas marcantes de nossa atividade no jornalismo. E com essa atmosfera de elegância, requinte e bom gosto nos mínimos detalhes, realizamos uma noite de amizade, de sorrisos felizes e troca de abraços, num cenário de sonhos, graças à criatividade da designer Cintia Klamt Motta. Nesse ambiente, o presépio do meu coração acolheu antigos e novos companheiros de saga cósmica para um banquete dos deuses, com propostas que iam dos quitutes preparados pelo experiente

Chef Inácio Gomes, passando por delícias como o “capão cheio” das quermesses e dos natais do interior maranhense – cuja receita original Socorro e a filha Soraia Fialho não esquecem –, até os deliciosos e incomparáveis quitutes de origem árabe e portuguesa, preparados por Samira Murad, que segue fielmente as receitas deixadas por Dona Teresa Murad. Como se tal não bastasse, mereceu um capítulo especial a mesa de doces – um dos pontos altos da noite – que reunia delícias de Marcia Ribeiro (a partir das receitas de Carmita Araújo), de Maria Rita (da Zeus Brigadeiria), da paraense Cleonice, que preparou em Belém os Pastéis de Santa Clara, e de Elvira Bona, que hoje é um dos nomes aplaudidos em todo o Brasil na produção, no Rio de Janeiro, de doces finos para grandes eventos. E assim, já na plenitude do que antecede o Natal, foi muito bom que nos reencontrássemos, para agradecer a Deus pela graça da vida, e para celebrar o futuro que nos aguarda, simbolizado, ritualmente, pela chegada de mais um Ano Novo que nos sugere, por um mecanismo de ordem psicológica, vida nova e novos objetivos a conquistar.

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



Empresários Leonice e Vânio Azevedo



Na pista de dança, Thelma Arrais e João Batista Garcia



José Jorge Leite Soares e Beth



Inácio Botelho e seu acordeon com Eveline Cunha e o Repórter PH



Empresária Évila Garcia Pinheiro (dona do Palazzo Eventos) e o PH



Raul Vilhena com o filho Gabriel e a esposa Socorro Vilhena



O top DJ Edy, de Brasília



Humberto Motta e Alana Filgueiras



Claudete e o vocalista Roberto Brandão (do Boi Barrica e do Bicho Terra)

SERVIÇO DE COZINHA E LIMPEZA NOTA 10

Se há um item nas grandes festas que não pode ficar no esquecimento, o serviço de garçons, cozinheiros e limpeza do ambiente - e um deles. No Gala de Novembro tudo funcionou como deve ser. E se alguma falha aconteceu, passou praticamente despercebida. Os convidados estavam mais

preocupados com as boas bebidas e comidas servidas. Destaque para Emmanuel Márcio Barbosa, responsável por um serviço impecável, graças à competência de maîtres e garçons treinados pelo Senac, sob a batuta dos professores Aldo Martins e Edson Pereira.



Médico João Batista Garcia e Thelma Arrais, empresários Francisco Alexandrino e Maria da Cruz Barbosa (médica), Alexandra Barbosa e a pediatra Marynea do Vale



Empresário João Guilherme Abreu e Silvana com o Repórter PH



Cintia Klamt Motta e Marisa Consalter



Evandro Júnior, Ana Paula Muniz, Tayse Feques, Thárcila Castro e Geyce Gomes



Arquiteto e artista visual Fernando Motta e Cintia



Cineasta Joaquim Haickel e Jacira (Blue Tree São Luís)



Victor Hugo Cândido (vocalista do Grupo Argumento) e Juliana



Colunista Maria Leônia (de Imperatriz) e a filha Manuella com Teresa Martins e o Repórter PH



O Repórter PH com as jornalistas Rubenita Carvalho, Sílvia Moscoso, Étia Vale, Selma Figueiredo e Ironara Pestana



Jornalista Evandro Junior, Carla Duque e o empresário Pedro Salgueiro

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



As recepcionistas dos produtos Baly com o Repórter PH



A banda Os Tropix foi uma das aplaudidas atrações musicais da noite



Andrea e Benito Neiva Junior com o Repórter PH



Os mineiros Pedro Henrique Cardoso e Ana Paula Vieira com o Repórter PH



Guto Guterres, o Repórter PH e o jornalista Zê Cirilo



Empresários Arione Diniz (Óticas Diniz) e Évila García Pinheiro



Nazi Holanda de Alencar com a filha Márcia e o Repórter PH



A bela influencer Luanne de Moraes Holanda



José Sobral Neto e Gabrielle com o Repórter PH



Maria de Jesus e José Pereira de Santana



O Repórter PH com Marjory Cardoso e os filhos Sérgio e Dandara Balata



Adelaide Campelo com Clóvis Cabalau e Dine



Leonardo Barros e Ítalo Moraes



Amaro Santana Leite, Pedro Robson Costa, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Cláudio Azevedo



Ednei Viégas Reis e Lindalva com Arione Diniz



Clores e Glorinha Holanda com o sobrinho João Ferreira



Pedro e Carla Salgueiro com Ana Paula Vieira e Pedro Henrique Cardoso



Ednei Viégas Reis e Lindalva com o juiz federal Wendelson Pessoa e Andrea Kelly



Elas apostaram na cor vermelha: jornalistas Valdirene Oliveira, Ironara Pestana, Rubenita Carvalho e Maria Leônia



O Repórter PH com os fotógrafos Miguel Viégas e Leonardo Lima, que fizeram a cobertura fotográfica da festa

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



Fernando Albuquerque e Rosário Saldanha



Thatiana e o reitor César Bandeira (Facam)



Cirurgião José Aparecido Valadão e Cida (usando um modelo Carolina Herrera)



Melina e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes na pista de dança



Ana Maria e Albérico Ferreira Filho



O Repórter PH na moldura de Cintia Klamet Motta e sua filha Bianca



Glorinha e Mauro (Dedé) Holanda de Alencar com as filhas Gabriela e Lara



Genésio Bertrand e Ivani



O Repórter PH com Soraya Gonçalves



Jaciery Dias e Gilson Martins com Madalane Nobre



Benjamin Franklin Alves e Vanuza



Pedro Bastos e Ana Clara Feijó de Sousa com os avós dela, Mauricio e Ana Célia Feijó, e os pais Michelinne e Anderson Bentes de Sousa



Lenny Giffone, Ana Izabel Azevedo e Jacira Hackel



Oton Lima entre Maria Leônia e a filha Manuella



Evandro Junior, Tayse Feques, Ana Paula Muniz, Jacqueline e Humberto Oliveira



Daniel Albuquerque Filho e Benjamin Franklin Alves



Juninho Luang e Ilze Rangel



Glorinha Holanda, Juninho Luang, Soraya Gonçalves, Maria Leônia e José Walter Maciel



Na pista de dança, Ana Lucia Albuquerque e Amaro Santana Leite

Fotos/Divulgação/Leo Lima/ Miguel Viégas



O Repórter PH na moldura de Samira Murad e Teresa Murad Sarney



O empresário Juninho Luang com o Repórter PH e Teresa Sarney



Emanuelle e Thiago Bastos



Graziela Albuquerque e Thiago Lima



Davi Christian da Guia Penha e Nicole Cristina Freire



Designer de calçados Claudio Carvalho



Rosário Saldanha e Zenira Fiquene



Cibele Corrêa e Leonel Lima



Rodrigo Martins e Milda

É HORA DE AGRADECER

Para registrar o agradecimento da Coluna PH e do caderno PH Revista aos que tornaram possível todos os requintes do Gala de Novembro, gostaria de deixar bem claro o significado de gratidão, segundo o Tratado sobre Gratidão de São Tomás de Aquino. Esse Tratado tem três níveis de gratidão: um nível superficial, um nível intermediário e um nível mais profundo. Traduzindo: o nível superficial é o nível do reconhecimento intelectual, do nível cerebral, do nível cognitivo do reconhecimento. O segundo nível é o nível do agradecimento, do dar graças a alguém por aquilo que esse alguém fez por nós. E o terceiro nível mais profundo do agradecimento é o nível do vínculo, é o nível do sentimentos vinculados e comprometidos com essas pessoas. Pois bem, de repente descobri uma coisa na qual eu nunca tinha pensado, que em inglês ou em alemão se agradece no nível mais superficial da gratidão. Quando se diz “thank you” ou quando se diz “zu danken” estamos a agradecer no plano intelectual. Que na maior parte das outras línguas europeias, quando se agradece, agradece-se no nível intermediário da gratidão. Quando se diz “merci” em francês, quer dizer dar uma mercê, dar uma graça. Eu dou-lhe uma mercê, estou-lhe grato, dou-lhe uma mercê por aquilo que me trouxe, por aquilo que me deu. Ou “gracias” em espanhol, ou “grazie” em italiano. Dou-lhe uma graça por aquilo que me deu e é nesse sentido que eu lhe agradeço, é nesse

sentido que eu lhe estou grato. E que só em português, que eu saiba, é que se agradece com o terceiro nível, o nível mais profundo do tratado da gratidão. Nós dizemos “obrigado”. E obrigado quer dizer isso mesmo. Fico-vos obrigado. Fico obrigado perante vós. Fico vinculado perante vós. Fico-vos comprometido a um diálogo. É esse diálogo, enfim, que quero e é nesse preciso sentido que eu lhes digo: Muito Obrigado! Minha eterna gratidão, portanto, à Operadora Maxx (leia-se Augusto Diniz), a Al3 Holding Ltda em São Luís (leia-se Amaro Santana Leite), ao Sistema FIEMA (leia-se Edilson Baldez das Neves), à Fecomércio-MA e ao Senac-MA (leia-se Maurício Feijó e José Ahirton Lopes), ao Grupo Granorte (leia-se José Carlos Salgueiro), ao Grupo Canopus (leia-se Parmênio Carvalho), ao Grupo Atlântica (leia-se Luiz Carlos Cantanhede Fernandes), a Alfreidinho Duailibe, a Aparício Bandeira, a Benjamin Franklin Alves (leia-se Termaco), a Fernando Sarney (leia-se Grupo Mirante) e a Juninho Luang, entre outros, sem contar com os convidados que também fizeram doações para garantir o sucesso da festa que teve, como sempre, o apoio incondicional de toda a equipe do Grupo Mirante. Por fim, minha gratidão a Deus, e a todos os Benfeitores Espirituais por tudo quanto me têm dado ao longo de mais de meio século de atuação na imprensa maranhense.



Guto Guterres e Lucy, Amaro Santana Leite e Ana Lucia Albuquerque, Déia Trinta e Luiz Campos Paes



Evandro Jr. o DJ Sergio Balata com Mauro Filho e o personal trainer Romeu Soares



O Repórter PH entre Diego Nunes Rodrigues e Davi Christian da Guia Penha



Daiana Naima Savaia Silva e Jarbas Roberto Gapski



Zenira dançando com Eduardo Nicolau



O colunista Zé Cirilo com o casal Arione Diniz e esposa

Fotos/Divulgação



É para a cidade de Mendonça Filho que Marcelo (Wagner Moura) está indo na cena de abertura que descreve o Brasil de 1977

O AGENTE SECRETO

Escrever sobre o filme O Agente Secreto (2025) é uma tarefa desafiadora, e isso se dá pela explosão de qualidade em todos os seus processos. Antes de entrar no universo do mais novo filme de Kleber Mendonça Filho, precisamos exaltar o conjunto cinematográfico que fez com que essa ode ao cinema pudesse ser executada.

O filme é impecavelmente inteligente, sem pontas soltas e não deixa espaço para qualquer sentimento que não seja diretamente ligado à trama; somos completamente engolidos por uma fotografia espetacular que não tem medo da luz e tem a cor como sua maior aliada; o filme tem uma edição e montagem criativas e ousadas que desafiam uma indústria datada e monótona com cortes entre planos com uma difusão longa e momentos em que a tela se divide entre dois planos, um som desenhado e articuladamente planejado para nos imergir em uma experiência única e extraordinária que a direção proporciona.

Em um Brasil ditatorial de 1977, somos apresentados a Marcelo, um homem misterioso que sai de São Paulo fugido de um passado que o assombra como homem e o ameaça como cidadão, com um único objetivo: encontrar seu filho em Recife para fugir com ele pelo mundo. Isso é tudo que você precisa saber sobre o filme, na verdade, é tudo que você deve saber.

Ver essa obra como uma história que pela primeira vez você vai viver e que acabará ao passar das duas horas e quarenta minutos é um sentimento necessário para entender a genialidade do filme, que aliás é a grande tese da vida de Mendonça Filho, é a síntese do seu trabalho e sua articulação como artista brasileiro pernambucano.

Essa tese é de fácil entendimento, O Agente Secreto é um filme sobre memória – que é uma grande pauta na filmografia do diretor – e é interessante ver seu último trabalho Retratos Fantasma (2023) como um passo conjunto para a construção da trama desse seu novo projeto. Os dois se entrelaçam de uma forma muito bonita.

Assim, a memória aqui vem com base para uma trama de suspense, comédia, drama, aventura, terror, e muito mais. Apesar de ter momentos de brutalidade dramática e profunda dureza, como na cena em que um delegado incansavelmente pede a um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial que mostre suas cicatrizes como sinônimo de poder e virilidade, existem também cenas hilárias que fazem a plateia gargalhar com as tiradas dos alívios cômicos do filme, que vão de uma senhora tentando arranjar casais inesperados em sua pensão a gatos com dois rostos em um só corpo.

É difícil descrever essa explosão, o filme é brasileiro na sua inventividade e na sua força de uma forma muito sensível, é acolhedor, engraçado, amoroso, cheio de tensão e isso faz a tarefa de dar um nome para esse gênero muito complicada: o filme é um carnaval, uma batalha contra a mesmice.

Não existe hoje algo parecido com essa obra – sendo estudante de cinema, esse filme é um respiro aliviado em uma indústria massiva que rotula e comprime, o longa é uma das respostas à falta de nome para o sentimento além da liberdade que Clarice Lispector falava em ter – aqui há a combinação da modernidade de Kleber com homenagens visuais aos grandes clássicos que estão presentes diegética, e extradiegeticamente. São parte da concepção e são referenciados na execução, o filme lembra clássicos americanos e cita diversos filmes durante o desenrolar da trama.

Kleber e sua primorosa equipe se preocupam com cada carro, os figurinos, todo o cenário, cada história representada por um recife que aqui é vivo,

colorido, cheio de luz e cheio de história. Vale uma citação para um grande plano geral de um Recife da época que Marcelo vê pela janela: vemos os prédios, carros indo e vindo de ruas que são coloridas pelas pessoas que passam e vivem sua vida cotidianamente, mas com um brilho de vida. Esse plano é uma extravagância de beleza, um vislumbre visual.

Em muitos sentidos, espionagem é a arte do apagamento. Uma pessoa apaga seu nome, esconde sua história e ofusca suas intenções e parte para o território desconhecido buscando não deixar rastros. Não é à toa que o diretor Kleber Mendonça Filho tenha escolhido este gênero, ou ao menos seus ossos, para pautar seu misterioso, grandioso e triste O Agente Secreto, um exame de como uma borracha é passada por cima de pessoas e lugares no Brasil que existe em inevitável conversa com Ainda Estou Aqui e Retratos Fantasma, filme anterior do diretor recifense.

É para a cidade de Mendonça Filho que Marcelo (Wagner Moura) está indo na cena de abertura que descreve o Brasil de 1977 como um local de pirraça. É justo dizer que é isso que o espera na capital pernambucana. Por que Marcelo está fugindo e de quem são detalhes melhor guardados, mas também é justo dizer que o regime militar não facilita sua vida, e essa ambientação – trazida à vida com um trabalho de recriação visualmente maravilhoso – dá a O Agente Secreto campo fértil para Kleber fazer o que faz de melhor: usar pilares do cinema de gênero para discutir temas relevantes para o Brasil e para o mundo.

Assim como faroestes corriam por baixo da pele de Bacurau, filmes de espíões informam as cenas de telefonemas escondidos, identidades falsas e perseguições intensas.

Não se trata, porém, de um exercício de linguagem simples. O Agente Secreto tem uma clara ideia do que movimenta sua história. Neste Brasil, gerido por chefes de indústrias e policiais corruptos, forças que se beneficiam de seus contatos para fazer com que documentos desapareçam, ou sequer venham a existir. É como se as circunstâncias transformassem tudo e todos em agentes duplos, mas ninguém sabe sua missão e as informações verdadeiras estão sendo sistematicamente trancadas em cofres inacessíveis. O passado da família de Marcelo está incluso nisso, e quando ele começa uma nova vida, ele está tão interessado em descobrir quanto em não ser descoberto.

Para concluir essa tarefa, Marcelo passeia por ruas e prédios que serão instantaneamente

reconhecíveis para recifenses, seja por que permanecem de pé contra todas as expectativas – como a Praça do Sebo e o cinema São Luiz, também o foco de Kleber em Retratos Fantasma – ou por que serão portais para o que um dia havia lá, mas hoje não existe mais.

Essa discussão, porém, é crucial para todo o Brasil, como mostrou Ainda Estou Aqui, e o desaparecimento sem registros tem sido um dos focos do cinema global (só no último Oscar: Sem Chão, O Reformatório Nickel, Sugarcane, entre outros).

A melhor maneira com a qual O Agente Secreto aborda essa ideia vem numa revelação do roteiro que, se eu fosse apostar, ficaria de fora de toda a divulgação e marketing. O texto é organizado de uma maneira que ajuda a contextualizar toda a narrativa se não em fatos históricos, mas na sensação da história. É como se o longa fosse transformado num relatório, e alguém estivesse tentando entender o que aconteceu. Mais do que truques, o roteiro escrito por Kleber Mendonça Filho parece adicionar camadas ao enredo, que brinca com mitos e verdade para sublinhar a ideia de que, ainda que esse filme seja uma ficção, ele fala de questões profundamente reais – algo que é sublinhado por um inesquecível e hilário uso da ideia folclórica da Perna Cabeluda. Os detalhes da cena são uma surpresa melhor guardada, e só são superados em graça pela carismática dona Sebastiana (Tânia Maria, hilária e destinada a ser o fenômeno do filme), a dona do prédio onde Marcelo mora que precisa reter informações, mas adora uma fofoca.

Não é à toa que um dos cenários mais importantes para o filme é o Cine São Luiz. Sempre interessado nos cinemas como locais de registro, onde a arte reflete e preserva a vida cotidiana, além de oferecer um ambiente comunal cada vez mais raro nas cidades, o diretor traz este templo do Recife para o centro da narrativa. Ali, Marcelo encontra um local para respirar, como se estivesse protegido pelo poder dos filmes de manter coisas vivas.

Como este personagem, Wagner Moura entrega uma atuação de nuances e tristezas, mas também de um homem em ação. Em seu olhar, há um pesar palpável – o principal aliado para que ele não vire um avatar da audiência, passeando pela cidade e pelos mistérios como um guia, mas permaneça uma pessoa com quem nos importamos, e portanto, que não queremos ver ser apagada. À sua volta, figuras como a sempre bela Maria Fernanda Cândido, o bonitão Gabriel Leone, Alice

Carvalho, Carlos Francisco e outros oferecem temperos de romance, humor e suspense em papéis de adversários e aliados nessa jornada para fugir do esquecimento e da violência.

Independente do sucesso de Marcelo em conquistar essa liberdade, O Agente Secreto conclui com uma dose potente de melancolia. Não é algo derivado de um único acontecimento, mas um reconhecimento geral de que a luta dele é apenas uma, de que pessoas são mortas e construções são demolidas para dar lugar a outras coisas, tipicamente mais rentáveis, e de que o Brasil segue entendendo, ainda, o grau do que foi perdido em sua história.

Para Kleber Mendonça Filho, isso não é algo que se resume à ditadura. É um elemento infelizmente inseparável do verde-amarelo, algo que existia antes dos militares e que até hoje nos afeta. Assim, O Agente Secreto é posicionado como uma espécie de épico, escancarando de forma intrigante através da dinâmica espia de revelar segredos aquilo que foi varrido para baixo do tapete.

“É difícil ser chamado por outro nome”, diz um personagem de O Agente Secreto em um momento que considero simbólico para a trama escrita e dirigida por Kleber Mendonça Filho. Registros e lembranças são assuntos recorrentes na filmografia do cineasta – tema principal, aliás, de seu longa anterior a este, Retratos Fantasma –, mas no suspense (suspense?) estrelado por Wagner Moura, estes dois tópicos formam aliança com um terceiro tema importante: a memória da identidade. De pessoas, lugares, acontecimentos. Da importância de saber quem foram as pessoas, quais foram os lugares e que acontecimentos foram esses.

O início de O Agente Secreto nos apresenta ao pesquisador Marcelo (Wagner Moura), de cara, em uma situação de choque moral, ético e político enquanto está a caminho da cidade de Recife, em Pernambuco, em meio a uma semana de Carnaval. Ele se torna alvo de uma perseguição, mas quais as intenções da mudança e o real perigo que ele corre são alguns dos enigmas que nos acompanham e se desenrolam para o público ao longo da história – e por isso, é claro, prefiro deixar de fora os detalhes do mistério.

O filme é uma carta desesperada de um povo que escondeu sua história e esqueceu seus patrimônios de luta. Em uma das sequências mais delicadas do filme, Elza fala contextualizadamente que o Brasil vai pagar pelas mortes da ditadura, e Seu Alexandre, que teve perda considerável na sua família, afirma com um pesar dolorido que tem certeza de que o Brasil passará impune. Ao ouvir o silêncio natural da sala de cinema depois dessa cena se tornou um silêncio intelectual avassalador, senti como se todos tivessem se absterido dos seus pensamentos e suas crenças para sentir luto por um Brasil que poderia ter julgado e condenado aqueles que desafiaram a esperança e percebido com isso que hoje realmente a impunidade aconteceu e agora é catalisadora de movimentos políticos que ameaçam a democracia.

Percebemos então que a esperança é sensível demais para ser capturada por uma câmera, portanto coube a Kleber Mendonça Filho e toda a produção tornar tangível o sentimento de que enquanto lembrarmos de algo ou alguém, isso ainda existirá. Estaremos sempre vivos em memória, e se você já está conseguindo esquecer de alguém, lembre-se da voz dela, se “apreme” e espere a memória chegar, abra um pen drive com momentos registrados: seja você o agente da eternidade secreta que só existe enquanto a memória persiste.



A espetacular Tânia Maria, atriz potiguar de 78 anos que interpreta Dona Sebastiana

(Continua na página 2)

O AGENTE SECRETO II



Faltam palavras para descrever essa genialidade de Kléber aqui, mas uma coisa fica evidente: Sabe quando vamos ao cinema e saímos com o sentimento que acabamos de conhecer mais o diretor, que tivemos uma troca, tomamos um café e ouvimos suas ideias... o sentimento que fica é esse.

É um clássico nascendo, O Agente Secreto tem a habilidade de ser diferente de tudo que hoje é apresentado, e ainda assim se conectar com qualquer um que se empenhe em assistir. É brasileiro em essência, caloroso, plural e representação de um nordeste que deveria ser referência para a atualidade. Deveríamos ser um Brasil que resiste, mas não uma resistência vazia, mas sim o resistir que é baseado na memória, na vida e na esperança.

Ambientado, na maior parte, em 1977, período de ditadura militar no Brasil, O Agente Secreto faz paralelos diretos e indiretos com o presente em uma trama cheia de interesses escondidos, injustiças e investigações. Enquanto busca refúgio na cidade, Marcelo também está em busca de informações sobre sua mãe e, em um outro tempo, registros sobre a vida dele também reforçam uma mensagem de que, em cima de outras tantas tragédias, ter parte da História perdida e esquecida também é um mal profundo.

A trama é dividida em capítulos e, de forma geral, o clima me trouxe sensação de faroeste, graças, sobretudo, às paisagens áridas em alguns momentos e à brutalidade dos personagens durões, divididos entre autoridades e matadores. Junto a isso, é ótima a escolha estética: temos um visual vibrante, que torna o universo de O Agente Secreto vívido e envolvente. A filmagem em câmeras Panavision aliada à direção de arte – e penso que com um toque certo da trilha sonora também – dão uma veracidade deliciosa ao ambiente.

Wagner Moura não surpreende (porque já é muito bom), mas outra personagem rouba a cena. À esta altura, o talento (e o charme. E o carisma sem esforço) de Wagner Moura é fato estabelecido e o ator faz um protagonista cativante: apesar de já ter uma ligação com a cidade, fica também a sensação da chegada de um clássico forasteiro, descobrindo e se envolvendo com as pessoas do local até se tornar parte do grupo.



Maria Fernanda Cândido tem atuação discreta

Marcelo é melancólico e gentil quando precisa ser, mas também é ágil e sorrateiro. Uma combinação de características que se aproveita da versatilidade de Wagner Moura para se fazer natural. É um ótimo trabalho e digo que não surpreende mais no sentido de que não há uma “transformação” drástica no estilo no ator, como vimos, por exemplo, em seus papéis em Tropa de Elite, Saneamento Básico e Ô, Paí, Ô.

Agora, a surpresa vem mesmo com a especular Tânia Maria, atriz potiguar de 78 anos que interpreta Dona Sebastiana, personagem que recebe Marcelo na cidade. Ela é brilhante. Temos uma senhora despachada e tão autêntica que é impossível não simpatizar logo de cara, uma vez que é ela a principal responsável pelo toque de solidariedade e acolhimento na trajetória bruta do protagonista. E tudo fica ainda melhor com a informação de que ela é relativamente iniciante na carreira de atriz e, antes, trabalhava como artesã.

Um encerramento menos do que perfeito de um épico de outra forma quase irretocável não é um problema realmente sério e O Agente Secreto triunfa como um thriller de queima lenta que nos deixa ver um aspecto pouco explorado da ditadura em meio a uma história carregada de vigor narrativo e apuro estético, com um fenomenal trabalho dramático de Wagner Moura.

Um ano após a edição do Oscar que tornou Ainda Estou Aqui um marco no cinema brasileiro, a escolha de O Agente Secreto como representante brasileiro para o Oscar 2026 (ainda como concorrente à vaga na categoria de Melhor Filme Internacional), chama comparações, mas não consigo encontrar elementos efetivamente similares entre um e outro, com exceção do período histórico em que as duas histórias são contadas.

Nossa identidade é única, mas também é ampla e diversa e, a esse reconhecimento, cabe melhor um momento especial de celebração do cinema brasileiro.

Meus amigos são todos assim

O escritor português Fernando Pessoa escreveu um texto sobre amizade que começa com o trecho “meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade santidade”. O que não tem faltado na internet, desde os tempos de isolamento social, são frases motivacionais. Em alguns casos, inclusive, a autoria da mensagem é erroneamente atribuída a alguém famoso. E, no caso de hoje, o escritor seria Fernando Pessoa.

De acordo com uma mensagem que circula na internet, Fernando Pessoa, em algum momento da vida, teria escrito um texto falando sobre a amizade. Na mensagem, ele teria dito que “meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade santidade”. Leia a mensagem que circula online:

Amizade segundo Fernando Pessoa - “Meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade santidade. Escolho-os não pela pele, mas pela pupila, que tem que ter brilho questionador e tonalidade inquietante. Escolho meus amigos pela cara lavada e pela alma exposta. Não quero só o ombro ou o colo, quero também sua maior alegria. Amigo que não ri junto, não sabe sofrer junto. Meus amigos são todos assim: metade bobeira, metade seriedade. [...] (Fernando Pessoa)

Fernando Pessoa escreveu texto que começa com “meus amigos são todos assim”? Muito legal o texto, afinal sempre é bom ler coisas que nos fazem refletir. Mas será mesmo que a autoria desta “carta sobre amizade” é mesmo do português Fernando Pessoa? A resposta é não. Calma aí que a gente explica tudo para vocês.

Só o histórico de textos falsos atribuídos a autores famosos já nos deixa desconfiados da veracidade da informação. Há pouco tempo desmentimos um texto motivacional atribuído ao próprio Fernando Pessoa. E, assim como no outro caso, a autoria é falsa. Bastou uma busca para descobrirmos que, antes de ser atribuído a Fernando Pessoa em 2020, o texto em questão já foi atribuído a outros autores como Oscar Wilde e Marcos Lara Resende. Pelas nossas buscas, descobrimos que há um autor chamado Sérgio Antunes de Freitas que reivindica ter criado o texto. Há um registro de publicação (o primeiro que vimos) de 2003. Buscamos mais um pouco e descobrimos um artigo que mostra que a autoria ainda é questionada e não é possível cravar quem é o autor. O texto aponta, ainda, que o texto surgiu na internet por volta dos anos 2000. Ou seja: não é possível cravar quem é o autor, mas é possível cravar que Fernando Pessoa não é o autor em questão. Resumindo: a história que aponta que Fernando Pessoa é o autor de um texto sobre amizade que viralizou na internet é falsa. O texto em questão começou a circular na internet nos anos 2000 (séculos depois da morte do escritor português) e já teve a autoria erroneamente atribuída a alguns nomes. Fernando Pessoa é só mais um deles.

Nota: Esse pensamento vem sendo repassado como sendo de diversos autores, entre eles Oscar Wilde ou Marcos Lara Resende. No entanto trata-se de um trecho adaptado do texto “ Crônica para os Amigos” de Sérgio Antunes de Freitas, publicado em 23 de setembro de 2003.



O Lendário Martin Scorsese – ou Mr. Scorsese

Padre e gangster

1 - Em uma conversa com o escritor Gore Vidal, o cineasta Martin Scorsese lascou: “No meu bairro, você só podia ser padre ou gangster”. “Você virou as duas coisas”, retrucou o autor de Império.

A apaixonante trajetória desse “santo pecador”, segundo a definição da ex-esposa Isabella Rossellini, é retrçada com minúcia e franqueza em O Lendário Martin Scorsese – ou Mr. Scorsese, no original mais sóbrio –, série documental em cinco episódios disponível no canal de streaming Apple TV+.

A produção assinada por Rebecca Miller é um abrangente retrato artístico, pessoal e familiar de um dos mais importantes nomes da história do cinema – que recupera desde a chegada a Nova York dos avós sicilianos do diretor até a produção de Assassinos da Lua das Flores (2023), mais recente filme do mestre.

2 - Nome que despontou no começo dos anos 1970 como integrante de um grupo de diretores, roteiristas e produtores que renovou o cinema norte-americano, Martin Scorsese era um corpo estranho mesmo entre outsiders, por conta do legado cultural italiano, da origem familiar humilde, da vizinhança com a marginalidade e da arraigada vinculação ao catolicismo – que inclusive o levou a entrar no seminário.

Reunindo entrevistas com colaboradores, amigos, admiradores e familiares, além de longos depoimentos do próprio Scorsese, o seriado compartilha a visão de mundo, as percepções estéticas, o repertório filmico e os dilemas morais do artista que colocou na tela temas como violência pessoal e institucional, injustiça social, fé, egoísmo, cobiça, redenção.

3 - Scorsese cita constantemente dois projetos que o obcecavam desde sempre e que levou décadas para realizar: A Última Tentação de Cristo (1988) e Gangues de Nova York (2002).

Em ambos, forças antagônicas são expostas em sua perturbadora complementariedade: na adaptação do romance de Nikos Kazantzákis, o filho de Deus é dilacerado pelo conflito entre suas naturezas divina e humana; já o épico sobre a turbulenta Nova York de meados do século 19 mostra como o conluio entre poder instituído e criminalidade está nos alicerces da formação dos Estados Unidos.

O cinema de Martin Scorsese impõe sua marca por lembrar que virtude e vício estão sempre no ringue brigando por nossa alma – e tentar controlar essa interminável luta entre luz e trevas é nosso fardo.

Onde pulsa o coração da COP

Quem acompanha as conferências das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas conhece o ditado: a Blue Zone (“Zona Azul”) é o cérebro da COP, a Green Zone (“Zona Verde”) é o coração. Isso é muito verdade no evento destes dias em Belém do Pará.

A Blue Zone é restrita – e até excludente. Por ser a zona de

decisão, onde circulam chefes de Estado e governo, ministros e negociadores, o acesso é feito por meio de credenciamento, e a segurança costuma ser rigorosa.

A Zona Verde é aberta ao público e gratuita. Cumpre – ou deveria cumprir – o papel de ponte entre os grandes debates globais sobre ambiente e a po-

pulação, em geral, a maior vítima dos eventos extremos. É ali também que estão os pavilhões de empresas do setor de energia, de tecnologia, o agro sustentável e a inovação.

Nas duas últimas COP, em Dubai (COP28) e Baku (COP29), a Green Zone tinha tudo isso – mas pendia mais para o segundo grupo. Faltava povo.

Democrática, plural e diversa

Na COP do Brasil, a Zona Verde é a mais democrática, plural e diversa da história: é emocionante ver grupos indígenas, com instrumentos musicais e cantos,

com sua voz ecoando por corredores ao lado de empresários.

Isso também deveria ocorrer na Blue Zone, é verdade. Mas o mundo levou 30 anos para

assistir a isso.

Em nenhuma outra COP o coração da conferência pulsou em alta rotação como na Zona Verde do Brasil.

Mapa com Belém ao centro

Depois do mapa-múndi invertido e com o Brasil ao centro, o IBGE lançou uma nova versão: um mapa-múndi com Belém, capital paraense, em destaque. O material é uma homenagem à realização da COP 30.

Segundo o instituto, o objetivo é marcar o compromisso do órgão em construir a transição ecológica justa e sustentável.

“O IBGE homenageia todos os povos que concentram suas esperanças de um futuro comum

melhor, com justiça e sustentabilidade ambiental, especialmente a todos os que se reúnem em Belém, capital do Estado do Pará”, escreveu o presidente do IBGE, Márcio Pochmann, em sua conta no X.

Algo rítmico

Desde que a música se desmaterializou, migrando do vinil e do CD – se quiser, você pode incluir a fita cassete aí – para os arquivos digitais e a etérea “nuvem”, perdemos muito da conexão substantiva com ela.

Manusear a capa de um disco, apreciar sua arte gráfica, ler as letras no encarte, informar-se sobre os músicos e as circunstâncias da gravação: pouco disso merece atenção atualmente. Conectar-se com o

objeto disco é coisa de um tempo passado, experiência tátil e visual mantida ainda viva apenas pelo fetichismo dos colecionadores.

Por outro lado, a troca de arquivos digitais e, especialmente, os serviços de streaming possibilitaram o acesso a virtualmente toda a música do mundo – ou quase toda. Com curiosidade e tempo, é possível escutar tudo o que você quer ouvir e aquilo que nem sabia que queria – como

diz o Gilberto Gil.

No entanto, essa brincadeira tem uma pegadinha chamada algoritmo, que está sempre pronto a nos empurrar aquilo que esperamos e merecemos – segundo o juízo dele, claro.

De uns tempos pra cá, o algoritmo não só se impôs no meu cotidiano como não larga mais do meu pé. É um tamagotchi que alimento cada vez que interajo na internet – ou seja, o tempo todo.

CPI do INSS

Bilhões de reais foram desviados dos aposentados e pensionistas do INSS.

Diante da pouca ênfase que a mídia dá a esse fato, o grande público fica alheio, não sabendo que o silêncio dos depoentes é fruto do des-serviço prestado pelo STF, que

concede habeas corpus aos depoentes, o que dificulta as investigações.

Palmas para a atuação destemida do deputado federal Duarte Junior, do Maranhão, que tem assumido posições firmes em defesa dos aposentados e pensionistas.